

“BENDITO ÉS TU, SENHOR, DEUS DE NOSSOS PAIS”: O HINO DOS TRÊS JOVENS EM DN 3 (VERSÃO GREGA)

*Marcelo da Silva Carneiro**

Resumo

Este artigo tem como foco uma análise histórico-social de Daniel 3,52-90, que mostra o hino dos três jovens, amigos de Daniel, sendo cantado enquanto estavam dentro da fornalha ardente. Esse trecho, escrito em grego e incluído na versão de Daniel da Septuaginta, mostra que no período pós-revolta dos Macabeus contra o governo selêucida de Antíoco IV havia um sentimento de que Deus tinha feito grande intervenção por Israel. A análise do texto procurará mostrar justamente de que maneira se apresenta essa crença e em que ambiente esse texto foi elaborado. Outro aspecto importante de análise será a relação desse hino com o material do Antigo Testamento, especialmente com os Salmos, mostrando como profundas tradições populares foram perpetuadas nas gerações seguintes.

Palavras-chave: Daniel. Antíoco IV. Exílio. Revolta dos Macabeus. Septuaginta.

Abstract

This article focuses on the historical-social analysis of Daniel 3:52-90, that shows the Song of the Three Children, the friends of Daniel, singing while they were inside the burning fiery furnace. This passage, written in Greek and included in Daniel's version of Septuagint, shows that in the period after Maccabean Wars against the Seleucid rule of Antiochus IV there was a general feeling that God had made a great intervention in favor of Israel. The analysis of the text will seek exactly in what way this belief presents itself and in what environment it was written. Other important aspect to analyze will be the relation between this Song and the material of Hebrew Bible, specially with the Psalms, pointing how ancient popular traditions were perpetuated by the future generations.

Keywords: Daniel. Antiochus IV. Exile. Maccabean Wars. Septuagint.

* Doutor em Ciências da Religião (UMESP); Mestre em Teologia (PUC-RJ); Docente de Novo Testamento na FATIPI; Pesquisador do Cristianismo Primitivo no Grupo Oracula; Teólogo Metodista.

Introdução

O livro de Daniel foi escrito dentro de circunstâncias desfavoráveis aos judeus, mas com um forte sentimento de esperança na intervenção divina. Um dos episódios mais marcantes do livro é a história dos três jovens amigos de Daniel que, firmes na disposição de não se dobrar diante da estátua de Nabucodonosor, enfrentaram a fúria do rei e foram lançados numa fornalha cujo fogo matou os que lançaram os jovens lá dentro. Essa história percorreu gerações, e se tornou quase mais conhecida que o próprio conteúdo do livro de Daniel, rivalizada apenas pela história de Daniel na cova dos leões, que tem uma estrutura similar.

Tanto a história dos jovens quanto a de Daniel são testemunhas das crenças de judeus que viviam bem distante do tempo em que elas se passam, na corte babilônica do século VI a.C. Na verdade, ainda que fossem histórias antigas, elas devem datar, no máximo, do período persa, nos séculos V a IV a.C. E o livro de Daniel como o conhecemos, do século II a.C., resultado de outras reflexões e de relatos de visões que estão presentes nos capítulos 7-12. Tudo isso somado gerou um livro de profundo impacto, tanto para judeus quanto para os cristãos de primeira hora, influenciando inclusive a composição do livro de Apocalipse.

Esse impacto parece ter sido tão imediato que a versão grega de Daniel, conforme aparece na Septuaginta¹ registra acréscimos importantes ao livro. Os mais comentados são os capítulos 13 e 14, que narram histórias de um Daniel jovem. Mas, para nós, interessam os acréscimos do capítulo 3, especialmente os versos 52-90, que mostram o que aconteceu dentro da fornalha, e contém uma peça litúrgica de alto valor. A qual passaremos a designar como “Hino dos Três Jovens”, celebrando o livramento que receberam de Deus.

Em nosso artigo iremos analisar esse hino por meio de quatro passos: começaremos por uma contextualização literária desse material, e passando no segundo momento por uma descrição de sua estrutura poética. No terceiro momento faremos uma comparação intertextual do hino de Daniel com diversas passagens do Antigo Testamento, de onde parece que o hino deve sua forma e conteúdo. Finalmente, no quarto passo, faremos uma análise global, indicando dois aspectos principais para compreender o hino, que têm a ver com o ambiente e o grupo que provavelmente o produziu. Com isso poderemos concluir com a mensagem original do hino e sua atualização para nosso tempo e realidade.

1. Contextualizando Dn 3,52-90 no livro de Daniel

Desde o século XVII, na abordagem de Baruch Spinoza em *Tratado político-religioso*, o livro de Daniel tem sido considerado uma obra compósita, feita

1. A tradução da Bíblia Hebraica para o grego *koiné*, produzida na Alexandria para os judeus da Diáspora, datada entre os séc. III e I a.C.

pela mão de vários autores. No fim do século XIX, George A. Barton² propôs uma estrutura de composição em três partes – considerando os períodos babilônico, persa e grego – com um redator final que elaborou a introdução (cap. 1) e a harmonização de alguns trechos nos capítulos 6, 10 e 12. Neste caso o livro teria sido concluído no século II a.C. (cerca do ano de 163). Neste artigo ele nada fala sobre as partes originariamente escritas em grego do capítulo 3 ou dos capítulos 13 e 14, posteriores aos demais capítulos, sem correlação em hebraico ou aramaico.

Herbert Niehr³, mais recentemente, considera a composição do livro de Daniel a partir de diferentes fatores:

- Redação em três idiomas: hebraico, aramaico e grego;
- Rupturas na narrativa (cronologia que se contradiz, contexto de Daniel na corte, etc.);
- As mudanças do nome de Daniel e seus amigos, que depois são esquecidas;
- Troca de perspectiva da 3ª pessoa nos seis primeiros capítulos para a 1ª pessoa nos capítulos 7-12 (os cap. 13 e 14 também são em 3ª pessoa, seguindo o estilo dos primeiros).

Para nossa análise tomaremos como princípio essa ideia de um texto composito, elaborado em diferentes momentos, em que o idioma utilizado é um dos principais indícios dessas camadas. O trecho que estamos analisando faz parte destes materiais tardios, que entraram na versão de Daniel na Septuaginta, toda em grego. São eles: cap. 3,24-90 (trecho que entra no texto mais antigo entre o verso 23 e 24 do capítulo 3); capítulo 13 e 14⁴. Este acréscimo, até bastante longo, estende a narrativa sobre os três jovens amigos de Daniel, que se recusaram a adorar a estátua de Nabucodonosor e por isso foram lançados na fornalha. Na versão aramaica o texto dos v. 23 e 24 afirma:

²³Quanto aos três homens, Sidrac, Misac e Abdênago, caíram amarrados no meio da fornalha acesa. ²⁴Então o rei Nabucodonosor ficou perturbado e levantou-se às pressas. E, tomando a palavra, perguntou aos seus conselheiros: “Não foram três os homens que atiramos ao meio do fogo, amarrados”? Em resposta, disseram ao rei: “Certamente, ó rei”⁵.

2. BARTON, George A. “The Composition of Book of Daniel”. In: *Journal of Biblical Literature*, vol. 17, n. 1, p. 62-86, 1898. Arthur Jeffery também assume essa posição, décadas depois. Cf. JEFFERY, Arthur. “The Book of Daniel. Introduction”. In: *The Interpreter's Bible*. Vol. 6. Nova York: Abingdon Press, 1956.

3. NIEHR, Herbert. “O Livro de Daniel”. In: ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 452-453.

4. Os temas destes dois capítulos nada têm a ver com o trecho em análise, por isso não os abordaremos.

5. Todas as citações deste artigo são da *Bíblia de Jerusalém*, edição de 2002.

A continuação da trama (v. 25-27) é importante para entender do que Nabucodonosor estava falando: ele afirma ver um quarto homem andando com os outros no fogo, sendo que todos estão ilesos. Nabucodonosor então chama os três e pede que saiam da fornalha e todos ficam admirados porque nada tinham sofrido no corpo pelo fogo, nem nos cabelos, nem mesmo nas roupas. A mensagem do texto é que o resultado da fidelidade deles é o reconhecimento de Nabucodonosor da grandeza de Deus e a dignidade de governantes da província.

Pensando no momento em que o trecho é inserido, fica claro seu objetivo literário: dar detalhes do que aconteceu com os jovens dentro da fornalha. A tradição popular sempre deseja os detalhes dos grandes eventos. As histórias contadas pelo povo sempre são ricas de detalhes. Ainda que esse trecho tenha características de um trabalho escribal, parece-nos que é resultado de uma leitura popular do livro de Daniel. Considerando a época em que nasceu a Septuaginta (entre os séculos II e I a.C.) podemos pensar numa ampliação que corria paralela à organização do livro em hebraico e aramaico e que foi registrada na tradução para o grego *koiné* em Alexandria. George Nickelsburg comenta que “a oração de Azarias parece ter sido uma composição anteriormente existente, reutilizada para seu propósito presente”⁶.

Não é demais levar em conta que os séculos anteriores a Cristo foram testemunhas de muita produção de literatura judaica, como o material de Qumran, os textos pseudoepigráficos relacionados a grandes personagens da tradição israelita⁷, bem como os textos que entraram na Septuaginta, depois denominados deutero-canônicos. Dentre eles, esses materiais de Daniel⁸. Os materiais da Septuaginta eram muito apreciados pelos judeus na Diáspora – termo usado para indicar a dispersão dos judeus fora da Palestina – além dos cristãos. A maioria das citações do Antigo Testamento pelos autores do Novo Testamento são oriundos da Septuaginta, o que reforça a importância dela para os cristãos.

2. A organização do texto de Dn 3,52-90

Passaremos agora à análise do trecho em grego, onde está o hino dos três jovens, para perceber sua organização e sentido. O trecho maior onde o hino está inserido (3,24-90) é dividido em duas partes poéticas, separadas por um trecho narrativo, como se pode ver:

v. 24 (da versão grega): trecho em prosa, uma dobradiça entre o v. 23 da versão aramaica e o hino que será iniciado.

6. NICKELSBURG, George W.E. *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Mixná* – Uma introdução histórica e literária. Tradução de Elisabeth A. Soares. São Paulo: Paulus, 2011, p. 69.

7. Como *IEnoque*, *Testamento de Abraão*, *Odes de Salomão*, etc.

8. Os demais textos deutero-canônicos são: Tobias, Judite, Primeiro e Segundo Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico (ben Sira) e Baruc. Atualmente estão presentes nas bíblias católicas.

v. 25: introdução à oração de Azarias, em prosa: *Azarias, em pé, orava assim, abrindo a boca em meio ao fogo, nestes termos:*

v. 26-45: oração de Azarias, clamando pela misericórdia e o socorro de Deus. Este trecho é poético.

v. 46-50: trecho em prosa, onde se fala da força do fogo na fornalha e do “Anjo do Senhor” que apareceu entre eles, impedindo de serem queimados.

v. 51: introdução ao hino dos três jovens, em prosa: *Então todos os três, a uma só voz, puseram-se a cantar, glorificar e bendizer a Deus no meio da fornalha, dizendo:*

v. 52-90: longo trecho poético, com o hino dos três jovens, que reproduzimos integralmente abaixo:

⁵²*“Bendito és tu, Senhor, Deus de nossos pais,
Digno de louvor e exaltado para sempre.
Bendito é o nome santo de tua glória,
Digno de louvor e exaltado para sempre.
⁵³Bendito és tu no templo de tua glória santa,
Cantado e sumamente glorificado para sempre.
⁵⁴Bendito és tu sobre o trono do teu reino,
Cantado acima de tudo e glorificado para sempre.
⁵⁵Bendito és tu, que sondas os abismos, sentado sobre os querubins,
Digno de louvor e cantado acima de tudo para sempre.
⁵⁶Bendito és tu no firmamento do céu,
Cantado e glorificado para sempre.*

⁵⁷*Vós todas, obras do Senhor, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁵⁸*Anjos do Senhor, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁵⁹*Ó céus, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁶⁰*E vós, todas as águas acima dos céus, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁶¹*Vós, todas as potências, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁶²*Sol e lua, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁶³*Estrelas do céu, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁶⁴*Todas as chuvas e orvalhos, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁶⁵*Todos os ventos, bendizei o Senhor:*

Cantai-o e exaltai-o para sempre!

⁶⁶Fogo e calor, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁶⁷Frio e ardor, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁶⁸Orvalhos e aguaceiros, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁶⁹Gelo e frio, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷⁰Geadas e neves, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷¹Noite e dias, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷²Luz e trevas, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷³Relâmpagos e nuvens, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷⁴Que a terra bendiga o Senhor:
Que ela o cante e exalte para sempre!
⁷⁵E vós, montanhas e colinas, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷⁶Tudo o que germina sobre a terra, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷⁷Vós, ó fontes, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷⁸Mares e rios, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁷⁹Grandes peixes e tudo o que se move nas águas, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸⁰Vós, todos os pássaros do céu, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸¹Todos os animais, selvagens e domésticos, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸²E vós, ó filhos dos homens, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸³Tu, Israel, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸⁴Vós, sacerdotes, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸⁵Vós, servos do Senhor, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸⁶Vós, espíritos e almas dos justos, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸⁷Vós, santos e humildes do coração, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!
⁸⁸Ananias, Azarias e Misael, bendizei o Senhor:
Cantai-o e exaltai-o para sempre!

*Porque ele nos livrou do Abismo
 E nos salvou da mão da morte,
 Libertou-nos da chama da fornalha ardente
 E retirou-nos do meio do fogo.
⁸⁹Dai graças ao Senhor, porque ele é bom,
 Porque o seu amor é para sempre,
⁹⁰E vós todos que o temeis, bendizei o Senhor; Deus dos deuses:
 Cantai-o e dai-lhe graças,
 Porque o seu amor é para sempre.*

Na estrutura do hino vemos uma composição de fácil memorização, em que as frases praticamente se repetem. O hino pode ser dividido em três partes, identificáveis pelo seu conteúdo. Na primeira (v. 52-56), o hino faz uma série de declarações diretamente a Deus, bendizendo-o. São declarações de louvor diretas, que exaltam seu nome, o templo, o trono e seu santo lugar no firmamento. A primeira frase é uma repetição da primeira frase da oração de Azarias (3,26). Ambas registram: *Bendito és tu Senhor, Deus de nossos pais, digno de louvor...* A descrição do hino mostra uma concepção bem firmada de Deus reinando sobre tudo, conforme os judaítas apreenderam da cultura persa, no período em que estiveram dominados por eles (séc. VI a IV a.C.)⁹.

A segunda parte é a mais extensa e é organizada em torno de uma fórmula fixa de louvor, na qual um grupo é chamado a louvar a Deus da seguinte forma: *bendizei o Senhor: Cantai-o e exaltai-o para sempre!* A partir dessa fórmula fixa, o hino convoca toda a criação, dividida em categorias ou grupos, para louvar a Deus, como resultado do livramento da morte que eles sofreram. Nesta convocação, o trecho central do hino guarda uma semelhança com Gênesis 1, incluindo todos os elementos da criação, começando por coisas gerais até chegar aos seres humanos, individualizados nos três jovens:

- v. 57: todas as obras (convocação geral);
- v. 58: os Anjos (criados antes de tudo);
- v. 59-63: céus; águas acima dos céus; potências; sol e lua; estrelas do céu: elementos astronômicos;
- v. 64-73: chuvas e orvalhos; ventos; fogo e calor; frio e ardor; orvalhos e aguaceiros; gelo e frio; geadas e neves; noites e dias; luz e trevas; relâmpagos

9. Cf. SOTELO, Daniel. "A influência dos persas em Israel", in: LELLIS, Nelson (org.). *Israel no período persa. A (re)construção (teológica) da comunidade judaíta e outros ensaios*. São Paulo: Edições Loyola, 2018, p. 21-30. Ainda que a redação final de Daniel seja do período helenístico, as ideias a respeito de Deus e do mundo espiritual são todas da cultura persa.

e nuvens: elementos climáticos que organizam e possibilitam a vida; aqui temos o aspecto meteorológico;

v. 74-78: a terra; montanhas e colinas; tudo o que germina sobre a terra; fontes; mares e rios: a superfície em que a vida acontece – terra e águas – e tudo o que é plantado sobre a terra, ou seja, a estrutura do ecossistema planetário;

v. 79-81: grandes peixes e tudo o que se move nas águas; todos os pássaros do céu; todos os animais, selvagens e domésticos: a fauna;

v. 82-88b: filhos dos homens; Israel; sacerdotes; servos do Senhor; espíritos e almas dos justos; santos e humildes de coração; Ananias, Azarias e Misael: a humanidade, num sentido concêntrico para a narrativa, começando de todos os seres humanos, passando por Israel, os sacerdotes, os justos, até chegar aos jovens da narrativa, que são chamados pelos nomes.

Transparece, na ordem deste trecho, certa ideia de um dualismo cósmico, em que os celestiais maiores (Anjos e potências) aparecem primeiro e o ser humano aparece posteriormente¹⁰. Mas não se pode ignorar a semelhança já indicada com Gn 1.

A terceira parte (88c-90) quebra essa fórmula fixa e fala do motivo pelo qual todos devem louvar: *Porque ele nos livrou do Abismo e nos salvou da mão da morte, libertou-nos da chama da fornalha ardente e retirou-nos do meio do fogo*. Depois são expressas fórmulas consagradas de adoração a Deus, encerrando com a declaração do amor de Deus como algo que dura para sempre. Nesta estrutura e seu conteúdo fica evidente a relação de Dn 3,51-90 com os Salmos e outros textos, tanto na forma quanto no conteúdo. É o que veremos a seguir.

3. A relação do hino com os Salmos e outros textos

O hino dos três jovens é uma peça que testemunha de maneira bastante clara a intertextualidade entre os novos materiais produzidos no mundo judaico e os materiais tradicionais, o que se tornou também a marca da produção textual cristã do Novo Testamento. A intertextualidade é um fenômeno da língua, onde textos se cruzam num processo de relação mútua, seja por citação ou por alusão¹¹. Tal fenômeno marca bastante a forma como o hino foi construído. Isso não significa repetição ou citação direta, mas uma certa estrutura similar com conteúdos que se aproximam, como veremos a seguir.

Da primeira parte do hino percebe-se a relação do v. 53 com o Sl 150,1; do v. 54 com Is 6,1; do v. 55 com Ex 25,18 e 2Sm 6,2:

10. Cf. OTZEN, Benedikt. *O judaísmo na Antiguidade – A história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano*. Tradução de Rosângela Molento Ferreira. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 226-228.

11. Cf. SAMOYULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

v. 53: <i>Bendito és tu no templo de tua glória, digno de louvor e exaltado para sempre.</i>	Sl 150,1: <i>Louvai a Deus em seu templo, louvai-o no seu poderoso firmamento.</i>
v. 54: <i>Bendito és tu sobre o trono do teu reino, Cantado acima de tudo e glorificado para sempre.</i>	Is 6,1: <i>No ano em que faleceu o rei Ozias, vi o Senhor sentado sobre um trono alto e elevado. A cauda de sua veste enchia o santuário.</i>
v. 55: <i>Bendito és tu, que sondas os abismos, sentado sobre os querubins, digno de louvor e cantado acima de tudo para sempre.</i>	Ex 25,18: <i>Farás dois querubins de ouro, de ouro batido os farás, nas duas extremidades do propiciatório.</i> 2Sm 6,2: <i>Pondo-se a caminho, Davi e todo o povo que o acompanhava partiram para Baala de Judá, a fim de transportar a Arca de Deus sobre a qual é invocado um nome, o nome de Iahweh dos Exércitos, que se assenta sobre os querubins.</i>

O hino dos jovens inicia lembrando o último salmo, em que se declara louvor a Deus no templo. Essa forma de iniciar o hino ecoa em um ambiente próximo do templo, talvez dentro de um círculo sacerdotal. Essa relação continua no v. 54, que tem uma aproximação com Is 6,1 na afirmação sobre o trono, que reflete a ideia de que o trono de Deus está no templo. Considerando a época em que o texto foi escrito (no séc. II) faz todo sentido, pois o Segundo Templo tinha sido reconsecrado pelos macabeus e retomou sua atividade sacerdotal dentro dos parâmetros do Pentateuco.

No v. 55 o hino afirma o poder de Deus de sondar os abismos, e que está sentado sobre os querubins. Do texto de Êxodo temos a ordem de construir os querubins sobre o propiciatório, que servia como a tampa da arca da aliança, mas também tinha função própria de “fazer a expiação”, segundo a raiz do verbo *kappôret*¹². Os querubins eram ligados à cultura dos babilônios, como afirma Gilberto Gorgulho, no comentário a Ex 25,18 da Bíblia de Jerusalém: “o nome corresponde aos *karibu* babilônios; gênios, metade homens, metade animais, que vigiavam a porta dos templos e dos palácios. Segundo as descrições bíblicas e a iconografia oriental, os querubins são esfinges aladas”¹³. Aqui, o hino demonstra que a cultura babilônica continuou forte, mas provavelmente em virtude de os querubins estarem conectados ao templo. Depois disso, o v. 56 fala do céu como espaço da moradia de Deus.

12. Cf. GORGULHO, Gilberto. Comentário a Ex 25,17. In: *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. 1. ed. 2002, São Paulo: Paulus, 11ª reimpressão 2016, p. 138.

13. GORGULHO, Gilberto. Comentário a Ex 25,18. In: Op. cit., p. 138.

Percebe-se então na primeira parte do hino uma clara vinculação com o templo, tanto o físico, onde os sacerdotes servem a Deus, quanto o espiritual, onde Deus está, segundo a crença judaica pós-exílica. Os primeiros versos nos apontam uma adoração no estilo tradicional sacerdotal, o último (56), da adoração de fundo persa, que não depende do templo. Assim somos conectados à segunda parte onde temos outras relações.

A estrutura fixa da segunda parte do hino ecoa o Sl 136¹⁴, que parece uma litania comunitária, onde o regente fala frases de louvor relacionadas à história de Israel e o coro responde “porque o seu amor é para sempre”. No caso do Hino de Dn 3 a fórmula fixa é “cantai-o e exaltai-o para sempre”. Já falamos da alusão a Gn 1 na ordem do hino. Além disso, vários pontos estão relacionados com salmos específicos: v. 57 com Sl 103,22 e 145,10; v. 58 com Sl 148,2 e 103,20; v. 59-60 com Sl 148,4; v. 61 com Sl 103,21; v. 62-63 com Sl 148,3; v. 65 com Sl 148,8; v. 75 com Sl 148,9; v. 80-81 com Sl 148,8; v. 83 com Sl 135,19; v. 85 com Sl 134,1. Percebemos aqui uma tendência ao uso dos salmos que estão no gênero hino, com exceção do Sl 134, que é um salmo de romaria. Essa relação só reforça a ideia da composição de um hino que espelha os salmos. Abaixo a relação entre os textos de Daniel e Salmos:

Daniel	Salmos
v. 57: <i>Vós todas, obras do Senhor, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	103,22: <i>Bendizei a Iahweh, todas as suas obras...</i> 145,10: <i>Que tuas obras todas te celebrem, Iahweh, e teus fiéis te bendigam.</i>
v. 58: <i>Anjos do Senhor, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	148,2: <i>Louvai-o, todos os seus anjos...</i> 103,20: <i>Bendizei a Iahweh, anjos seus...</i>
v. 59-60: <i>Ó céus, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre. E vós, todas as águas acima dos céus, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	148,4: <i>Louvai-o, céu dos céus e águas acima dos céus!</i>
v. 61: <i>Vós, todas as potências, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	103,21: <i>Bendizei a Iahweh, seus exércitos todos, ministros que cumpris a sua vontade.</i>
v. 62-63: <i>Sol e lua, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre. Estrelas do céu, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	148,3: <i>Louvai-o, sol e lua, louvai-o, astros todos de luz.</i>

14. Essa relação já tinha sido apontada por Nickelsburg, que também considera o hino uma paráfrase do Sl 148. Cf. NICKELSBURG, George W.E. Op. cit., p. 70.

v. 65: <i>Todos os ventos, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	148,8: <i>Raio e granizo, neve e bruma, e furacão cumpridor da sua palavra.</i>
v. 75: <i>E vós, montanhas e colinas, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	148,9: <i>Montes e todas as colinas, árvore frutífera e todos os cedros.</i>
v. 80-81: <i>Vós, todos os pássaros do céu, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre. Todos os animais, selvagens e domésticos, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	148,10: <i>Fera selvagem e o gado todo, réptil e pássaro que voa.</i>
v. 83: <i>Tu, Israel, bendize o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	135,19: <i>Casa de Israel, bendizei a Iahweh! Casa de Aarão, bendizei a Iahweh!</i>
v. 85: <i>Vós, servos do Senhor, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	134,1: <i>E agora, bendizei a Iahweh, servos todos de Iahweh!</i>

Desta segunda parte apenas uma correlação não vem dos Salmos: no v. 87 encontramos a aproximação com Sf 2,3:

v. 87: <i>Vós, santos e humildes de coração, bendizei o Senhor: cantai-o e exaltai-o para sempre.</i>	Sf 2,3: <i>Procurai a Iahweh vós todos, pobres da terra, que realizais o seu julgamento. Procurai a justiça, procurai a humildade: talvez sejais protegidos no dia da ira de Iahweh.</i>
---	--

Aqui é importante analisar a seguinte situação: na versão brasileira da Bíblia de Jerusalém encontramos Senhor em Daniel e Iahweh nos Salmos. Mas se formos olhar esses textos na Septuaginta, todos em grego, veremos que em ambos os casos estará *kyrios*, ou seja, a mesma palavra usada para traduzir o que no hebraico era o nome de Deus (colocado na BJ como Iahweh).

A terceira parte do hino retoma o contato com salmos do gênero hino, concluindo assim sua estrutura. No v. 89 temos uma relação com Sl 106,1 e utiliza a fórmula já citada do Sl 136,1.

Dn 3,89: <i>Dai graças ao Senhor, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre.</i>	Sl 106,1: <i>Celebrai a Iahweh, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre!</i> 136,1: <i>Celebrai a Iahweh, porque ele é bom, porque o seu amor é para sempre!</i>
--	---

Essas comparações mostraram uma tendência dos autores do hino dos três jovens em ter similaridade com os salmos e lembrar dos profetas. O que isso significa? Que mensagem esse hino deseja nos expressar? É o que veremos no último tópico de nossa análise.

4. Análise global do hino dos três jovens

Uma análise global do hino de Dn 3,52-90, considerando tanto sua estrutura interna quanto a intertextualidade com várias passagens do Antigo Testamento nos apontam diversas características próprias do hino. A partir delas poderemos propor uma mensagem central e a identidade do grupo que gerou esse texto.

Em primeiro lugar, podemos destacar a *proximidade com o ambiente cultural do templo*. Em vários momentos o hino faz menção de textos, ou usa terminologias vinculadas ao templo, no caso o Segundo Templo, do pós-exílio. O período pós-revolta dos macabeus indica que o templo voltou a ter um papel muito importante para a religião judaica. O rei selêucida Antíoco IV Epífanes provocou a ira dos judeus por diversos atos realizados em sua gestão, de acordo com os relatos de 1 Macabeus: tomou diversos tesouros do templo como propriedade real (1Mc 1,21-24); se posicionou contra a cultura religiosa judaica, exigindo que os judeus assumissem costumes de outros povos (1Mc 1,41-44), inclusive proibindo sacrifícios, a guarda do sábado e das festas (1Mc 1,45), ao ponto de realizar sacrifícios com carne suína no Santuário de Jerusalém (1Mc 1,46). Diante dessas atitudes, Matatias e seus filhos se organizaram para reagir a esse estado de coisas, o que gerou a revolta dos Macabeus¹⁵.

Após a derrocada e morte de Antíoco IV, além de uma série de vitórias heroicas de Judas Macabeu à frente de um exército de judeus piedosos, o templo foi purificado e dedicado novamente a Javé, em dezembro de 164 a.C.¹⁶ A partir daí, até o ano 70 d.C., o templo voltou a ter a centralidade do culto e a religião judaica voltou a ser praticada em sua normalidade. Mais ainda, foi um período de autonomia dos judeus em sua terra, conhecida como o período Asmoneu, que só terminou com a chegada dos romanos na Judeia em 63 a.C.¹⁷

Na relação com o livro de Daniel, se a redação final dele é desta época, pode-se pensar que a tradução para o grego, elaborada em Alexandria após esse período, tenha incorporado esses materiais gregos, dos quais o hino dos três jovens é o que melhor representa o período pós-revolta dos macabeus. De acordo com Sylvia Villac e Donizete Scardelai,

a revolta macabaica levantou muitas questões que se tornaram vitais para o futuro do povo judeu: a liberdade como valor inegociável; a necessidade de reforçar a identidade e unidade do povo mediante práticas comunitárias;

15. Cf. GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje* – Uma introdução ao Antigo Testamento. 6. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 246-251. O autor considera as histórias algo ingênuas, contrapondo a crueldade da perseguição com a firmeza da resistência, mediante a qual Deus age em favor dos fiéis.

16. Essa festa de dedicação é celebrada até hoje no Hanuká, sempre numa data próxima ao Natal cristão.

17. CARNEIRO, Marcelo. *Introdução ao Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Quartica, 2006, p. 12.

como lidar com a perseguição e o ódio étnico, o sentido do martírio/testemunho e vida após a morte¹⁸.

Destaco a última questão para relacionar ao hino dos três jovens: a necessidade de lidar com o sentimento de alívio diante da perseguição vivenciada no período da dominação selêucida fez vir à tona um hino que expressava esse sentimento. A história dos três jovens na fornalha já tinha essa natureza de denúncia e exaltação da fidelidade judaica contra a imposição pagã dos selêucidas. Por sua vez, o hino expressa essa vitória contra os pagãos, ao mesmo tempo em que evidencia a religiosidade vinculada ao templo, agora em pleno exercício.

O segundo aspecto que podemos destacar numa análise global é a *junção de diferentes elementos literários*, que mostra amplo conhecimento da literatura hebraica, especialmente os Salmos. O hino mostra uma intimidade tal com a salmódia hebraica que acaba apontando para esse ambiente litúrgico. Nickelsburg comenta o seguinte sobre o hino: “o caráter litúrgico desse hino não foi perdido; ele ainda pode ser encontrado em hinários e liturgias cristãos, frequentemente sob o título em latim, *Benedicite opera omnia*”¹⁹. Ao mesmo tempo percebe-se que o conteúdo dele transita pelos profetas, pelo Pentateuco e mesmo pela história do povo de Israel, tendo como ponto de partida em sua comparação o Salmo 1. As variadas formas de releitura dos textos e suas tradições indicam um ambiente de diálogo intenso com esses materiais. Seja na sua forma escrita ou nas reproduções orais.

Os escribas que se envolveram na produção desse material certamente já conheciam o livro de Salmos na sua forma final, bem como os demais materiais. Entretanto, pode ser que não conhecessem o livro de Daniel em sua integridade. Como nos lembra John Collins: “Essas adições [referindo-se ao material grego] atestam o acúmulo de material daniélico em curso, apesar de não nos dizerem necessariamente coisa alguma sobre a composição do livro em hebraico/aramaico”²⁰.

Nickelsburg, por outro lado, defende que essas duas composições poéticas (a oração de Azarias e o hino dos três jovens), “foram mais provavelmente compostas em hebraico e inseridas em Daniel por um tradutor grego, que compôs as transições da narrativa”²¹. Se for assim, podemos presumir que a identificação do hino com a história dos três jovens foi feita justamente por aqueles que o inseriram no texto de Daniel da Septuaginta. Nickelsburg reforça essa ideia:

18. VILLAC, Sylvia; SCARDELAI, Donizete. *Introdução ao Primeiro Testamento – Deus e Israel constroem a história*. São Paulo: Paulus, p. 150.

19. NICKELSBURG, George W.E. Op. cit., p. 70.

20. COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica – Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. Tradução de Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010, p. 137.

21. NICKELSBURG, George W.E. Op. cit., p. 70.

o v. 66 (sic, na verdade o v. 87) se refere aos três jovens homens e à razão para se cantar o hino. A brevidade dessa referência no contexto de um hino tão longo sugere novamente que o autor da adição empregou um trabalho litúrgico existente, inserindo esse verso para tornar o hino relevante para seu novo contexto²².

Ainda que o hino tenha sido composto de forma paralela à produção do texto de Daniel, fato é que foi inserido posteriormente, caso contrário não faria sentido ele ter ficado de fora da redação final do texto em hebraico/aramaico. A informação de que ele tenha sido composto em hebraico é difícil de ser confirmada e traz outras dificuldades para nossa reflexão. Entretanto, seja como for, reforça a tese como produção de um grupo com alto grau de letramento, vinculado ao ambiente do templo, que participava da produção litúrgica.

Mas, se Daniel é um livro apocalíptico, que necessariamente não estava no círculo sacerdotal, por que um grupo sacerdotal teria utilizado esse material para inserir o hino de gratidão pelo livramento? Podemos indicar uma possível razão: sendo Daniel um livro que adverte contra as forças helênicas que desejam se levantar contra o santuário (cf. Dn 9,26-27; indício de um ambiente sacerdotal?), o clima positivo que se inseriu em Jerusalém pós-revolta macabaica pode ter gerado um desejo de elaborar um hino de louvor para a nova situação, que circulou em paralelo ao texto completo de Daniel em hebraico/aramaico, até que na tradução para a Septuaginta ele foi incorporado ao texto.

Conclusão: quem canta seus males espanta

Diante de tudo que levantamos, a que conclusões podemos chegar? Afinal, qual a mensagem do hino dos três jovens, seja para seu tempo, seja para o nosso? Considerando o ambiente em que foi gerado, segundo nossa hipótese, o hino dos três jovens é uma produção escribal-sacerdotal, que celebra a interferência divina na história humana, naquele caso por meio de uma revolta armada. Ainda que sejamos frontalmente contra a violência, naquele contexto percebe-se uma defesa da vida do povo judeu, de suas instituições mais importantes, de seu modo de viver e, por que não dizer, de sua fé.

O hino indica uma fé profunda e viva no Deus de Israel, que também é o Deus do universo. Israel é então convocado a celebrar esse Deus que cuida, protege e salva. Na história onde foi inserido, literalmente ao cantar o hino os jovens espantaram o grande mal que tentava afligir sua integridade física, o fogo da fornalha. Por outro lado, para o povo que ouvia a história, e também o hino, a mensagem que se produzia era a de se manter fiel a Javé, sem se dobrar a outras

22. NICKELSBURG, George W.E. Op. cit., p. 70.

divindades, que na verdade eram símbolos dos poderes imperiais tirânicos que se abatiam sobre os povos médio-orientais. Não à toa, no tempo de Jesus, o povo mantinha uma profunda fé em Deus, enquanto alimentava um rancor profundo pelas elites que dominavam em conchavo com os romanos, pois assim traíam os ideais que foram gerados no tempo dos macabeus, menos de dois séculos antes. Era uma história recente, ilustrada tanto pelo relato seco dos macabeus quanto pelas visões proféticas de Daniel. Isso também reforça a importância de Daniel para os cristãos primitivos.

E para hoje? Sem dúvida que os governantes que exigem a total fidelidade do povo estão por aí, com sua “divindade” simbolizada pelo capital e o lucro, conseguido às custas do esforço de milhares e milhões de trabalhadores assalariados que, dia a dia, sofrem para sustentar o sistema: pagam impostos e vivem sob a ilusão da liberdade, mediante o apego aos bens de consumo. Parece que fugimos da temática original do hino, mas, pelo contrário, entramos numa reflexão profunda sobre como a apocalíptica alimentou, na mentalidade de judeus e cristãos, a resistência ao sistema que operava e opera a morte e a desigualdade. Ao ler esses materiais, ainda hoje, somos confrontados com o anseio de viver sob o cuidado amoroso de Deus, em vez dos opressores do sistema. Ecoam em nós as palavras de Jesus, que exprimem os mesmos princípios: “Meu reino não é deste mundo” (Jo 18,36b) e “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6,33).

Referências

- BARTON, George A. “The Composition of Book of Daniel”. In: *Journal of Biblical Literature*, vol. 17, n. 1, 1898, p. 62-86.
- Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. 1. ed. 2002. São Paulo: Paulus, 11. reimpressão, 2016.
- CARNEIRO, Marcelo da Silva. *Introdução ao Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Quarta, 2006.
- COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica – Uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. Tradução de Carlos Guilherme da Silva Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010.
- GRUEN, Wolfgang. *O tempo que se chama hoje*. Uma introdução ao Antigo Testamento. 6. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- JEFFERY, Arthur. “The Book of Daniel. Introduction”. In: *The Interpreter’s Bible*. Vol. 6. Nova York: Abingdon Press, 1956.
- LELLIS, Nelson (org.). *Israel no período persa*. A (re)construção (teológica) da comunidade judaíta e outros ensaios. São Paulo: Edições Loyola, 2018.
- NICKELSBURG, George W.E. *Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná*. Uma introdução histórica e literária. Tradução de Elisabeth A. Soares. São Paulo: Paulus, 2011.

OTZEN, Benedikt. *O judaísmo na Antiguidade – A história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano*. Tradução de Rosângela Molento Ferreira. São Paulo: Paulinas, 2003.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

Septuaginta. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs. Dua volumina in uno. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

VILLAC, Sylvia & SCARDELAI, Donizete. *Introdução ao Primeiro Testamento – Deus e Israel constroem a história*. São Paulo: Paulus, 2007.

ZENGER, Erich et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

Marcelo da Silva Carneiro
Rua Felipe Sabbag, n. 47, ap. 2
Ribeirão Pires – Centro, SP
CEP 09400-130
E-mail: professor.carneiro@hotmail.com